



LAMA E LUTA: O RECIFE NAS MÚSICAS DE CHICO SCIENCE

Thiago Uejima Muzilli
Mariana Rabêlo Valença

Estudante do Curso de Geografia
E-mail: thiago.muzilli@upe.br
Professor(a) do Curso de Geografia
E-mail: mariana.valenca@upe.br

Introdução

Esta pesquisa insere-se no campo da Geografia Cultural e dialoga com as perspectivas da Geografia Crítica e da Geografia Humanista. Partindo da premissa de que o espaço não é apenas uma entidade física, mas também simbólica e socialmente produzida, buscamos compreender as disputas de sentido que atravessam a paisagem urbana da cidade do Recife, tendo como objeto de análise o movimento Manguebeat e em especial a obra de Chico Science.

Inspirando-se na concepção de cultura proposta por Geertz (1989), segundo a qual deve ser entendida como um sistema simbólico que reflete diretamente as práticas sociais e as condições históricas dos grupos humanos, este trabalho reconhece-na como um campo dinâmico, permeado por contradições, múltiplas vozes e contínuas ressignificações. Ao mesmo tempo em que é produto das relações sociais, a cultura também atua como instrumento de transformação e resistência, sendo constituída a partir das experiências concretas de diferentes sujeitos sociais, marcados por suas posições de classe, gênero, etnia, orientação sexual, faixa etária, entre outros marcadores identitários (HALL, 1997; WILLIAMS, 2003).



Ao considerar que toda atividade humana é simultaneamente material e simbólica, a paisagem urbana passa a ser compreendida como uma expressão sensível das relações sociais (COSGROVE, 2003) e materializa valores coletivos, modos de vida, formas de apropriação do espaço e de representação da realidade. Conforme Sauer (1924), a paisagem cultural é formada a partir da interação entre os elementos naturais e as práticas culturais de uma sociedade, sendo, portanto, inseparável dos processos históricos e sociais que a constituem. Dessa forma, a paisagem não apenas espelha a sociedade, mas também participa da sua constituição simbólica, podendo funcionar como instrumento de celebração da ordem dominante ou de contestação dos seus fundamentos (DUNCAN, 1990; HARVEY, 2003). Partindo dessas abordagens teóricas, o presente estudo debruça-se sobre como o movimento Mangubeat, nascido em Recife na década de 1990, atuou como agente de ressignificação simbólica do espaço urbano, por meio da articulação entre música, crítica social e identidade cultural.

Desenvolvimento

A pesquisa teve como objetivo analisar a paisagem da cidade do Recife representada nas músicas de Chico Science, articulando abordagens da Geografia Urbana e Cultural. Para isso, o estudo foi estruturado em quatro etapas metodológicas complementares. Inicialmente, realizamos a construção do referencial teórico que contemplou autores como Corrêa (2009), Claval (2007), Geertz (1989), Scott (2001), Teles (2024) e Willians (2003) – além de trabalhos sobre o movimento Mangubeat e a trajetória artística de Chico Science. Em seguida, procedeu-se à análise qualitativa de conteúdo das letras de Chico Science & Nação Zumbi, identificando temáticas referentes à desigualdade socioespacial, à crítica social e à construção de identidades marginalizadas. A terceira etapa consistiu no mapeamento, por meio de fontes textuais, registros iconográficos e ferramentas de geoprocessamento, dos territórios simbolicamente reconfigurados pelo Mangubeat, de modo a localizar espaços mencionados ou ressignificados pelo movimento. Por fim, realizamos uma leitura crítica e sensível das contribuições do Mangubeat para a identidade recifense.



Idealizado por Chico Science e Fred 04, o Mangubeat surgiu como uma resposta criativa, política e estética às contradições do modelo de desenvolvimento urbano e econômico vigente, caracterizado pela especulação imobiliária, pela exclusão social e pela degradação ambiental – especialmente dos manguezais, espaços historicamente habitados por populações empobrecidas e racializadas. Como aponta Teles (2024), a expansão urbana de Recife ocorreu majoritariamente sobre áreas de mangue, configurando uma lógica de apropriação e apagamento de territórios periféricos, cuja memória é, muitas vezes, silenciada no discurso político da cidade.

Neste contexto, a obra musical e performática de Chico Science, bem como os signos visuais e simbólicos associados ao movimento Mangubeat – como os caranguejos, o mangue, a lama e a água – configuram uma poderosa linguagem de contestação e reinvenção da paisagem urbana recifense. Tais elementos passaram a compor a iconografia da cidade, sendo apropriados por monumentos, grafites, intervenções artísticas e discursos identitários que reafirmam a centralidade dos territórios populares na construção da cultura local. O espaço urbano, nesse processo, transforma-se em arena simbólica de disputa, onde diferentes projetos de cidade e narrativas sobre o pertencimento e a memória coletiva entram em tensão. Como observa Corrêa (2009), o espaço urbano carrega uma dimensão simbólica variável, que depende da experiência de cada grupo social. O Mangubeat, portanto, atua como catalisador de uma nova engenharia simbólica recifense (NETO, 2008), capaz de conferir visibilidade a realidades invisibilizadas e de inserir novas narrativas na paisagem urbana.

Ao investigar o Mangubeat como um fenômeno cultural que opera na interface entre arte, política e geografia, esta pesquisa evidencia como práticas simbólicas podem reconfigurar a paisagem e disputar significados no espaço urbano. A análise da paisagem recifense à luz do Mangubeat não se limita a reconhecer seus aspectos estéticos, mas propõe compreendê-la como campo de conflito, de memória e de resistência, onde os sujeitos subalternizados constroem outras formas de existência e pertencimento. Em última instância, pretende-se



demonstrar que a paisagem, enquanto mediação entre o sensível e o político, pode se tornar uma ferramenta potente na luta por justiça espacial e cultural.

Os resultados evidenciaram relações complexas entre cultura, espaço urbano e desigualdades sociais no Recife. A análise das letras revelou uma crítica contundente às disparidades socioespaciais da cidade, ao mesmo tempo que reafirmou identidades subalternizadas por meio de narrativas simbólicas de resistência. Constatou-se que o Manguebeat desempenhou papel decisivo na construção de uma identidade cultural plural, valorizando as periferias como espaços de criação, potência estética e contestação política. As expressões artísticas do movimento foram incorporadas à paisagem urbana, gerando a ressignificação de espaços públicos através de monumentos, murais e referências visuais que evocam a fauna dos manguezais e a figura de Chico Science como ícone cultural. O mapeamento evidenciou áreas como o Marco Zero, a Rua da Aurora e o Centro de Artesanato de Pernambuco, que passaram a integrar o imaginário coletivo como territórios de resistência e valorização cultural, onde o caranguejo e os manguezais se tornaram metáforas centrais do hibridismo cultural e da insurgência periférica. Assim, o Manguebeat não só contribuiu para pôr em relevo determinados espaços da cidade, mas também ampliou o debate sobre justiça espacial e direito à cidade, operando como instrumento de visibilidade política e de transformação territorial. Esses achados podem servir de subsídios para políticas públicas orientadas à equidade social e à valorização da cultura popular, além de aprofundar as discussões da Geografia Urbana e Cultural ao articular dimensões simbólicas, estéticas e espaciais em torno das lutas por reconhecimento, pertencimento e memória coletiva.

Considerações finais

Esta pesquisa analisou as desigualdades socioespaciais inscritas na paisagem da cidade do Recife, presentes nas músicas de Chico Science. Foi possível perceber que expressões culturais não apenas refletem a sociedade, mas também contribuem ativamente para sua



transformação. O Mangubeat, ao misturar referências locais com linguagens musicais globais, se tornou um instrumento de crítica social e valorização da identidade nordestina.

A análise das letras revelou um forte conteúdo político e social, com denúncias sobre a exclusão dos moradores das periferias, o abandono dos espaços públicos e a precariedade urbana. Além disso, o mapeamento dos monumentos e símbolos relacionados ao movimento mostrou como ele influenciou a paisagem recifense, inserindo no espaço urbano elementos que representam resistência, memória e pertencimento.

Referências

- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 3º Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995
- CLAVAL, Paul. A Geografia cultural. Tradução de: PIMENTA, Luiz F.; PIMENTA, Margareth de Castro A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: ROSENDHAL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). Paisagens, Texto e Identidades. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- JUNIOR, Eduardo Miglioli. Chico Science, Nação Zumbi: Um Caranguejo Elétrico. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6aOVDIGIwag>. Acesso em: 25 maio 2024.
- NETO, Moisés. Chico Science: a rapsódia afrociberdéliica. Recife, 2001. Edições Ilusionistas.
- SAUER, Carl Ortwin. A Morfologia da Paisagem. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998
- SCOTT, AJ. Capitalism, Cities and the Production of Symbolic Forms. Transactions of the institute of British Geographers. Vol 26. 2001.